

ISSN 3085-9026

# REVISTA VOZ da PALAVRA



**Vol. 1 - Nº 14**  
**Dezembro 2025**  
**Fortaleza/CE**

**Editores:**  
**Gilson Pónthes**  
**&**  
**Pedro Blum**

**ISSN 3085-9026**

# **Revista Voz da Palavra**



**Volume 1**

**Dezembro de 2025/Fortaleza/CE**

**E-mail: [profgilsonpontes4@gmail.com](mailto:profgilsonpontes4@gmail.com)**

**Contato: (85) 9 9648-2190**

**Editores:**

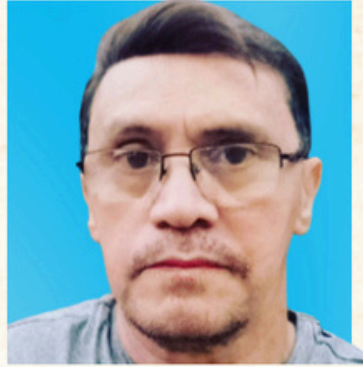
**Gilson de Albuquerque Pontes**

**&**

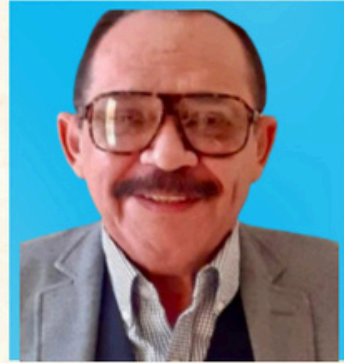
**Pedro Blum de Moura**

**Copyright © Revista Voz da Palavra**

**UM ESPAÇO  
ESPECIAL  
PARA DESTACAR  
OS AUTORES**



**Gilson Pónthes**



**Pedro Blum**

**Escritores e Poetas  
nesta revista**

- Ana Lessa
- Bernivaldo Carneiro
- Gilson Pónthes
- Isabel Barros
- Nalanda Livia
- Pedro Blum
- Vicente Alencar

Email: [revistavozdapalavra@gmail.com](mailto:revistavozdapalavra@gmail.com)

“A família é o  
abrigo  
onde o coração  
descansa  
e o amor floresce  
sem pedir  
permissão.”

**EXPEDIENTE**

Presidente: Gilson de Albuquerque Pontes  
e Vice-Presidente: Pedro Blum de Moura  
Revista: Voz da Palavra  
Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes  
Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque Pontes  
e Pedro Blum de Moura  
Revisão: Emmanuela A. Amaral de Moura  
Design e Diagramação: Gilson Pónthes  
Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes  
Colaboradores desta revista:  
Redes Sociais: Site, Instagram,  
Facebook, Google e WhatsApp

**NOTA**

**Todos os textos e imagens  
publicadas  
são de responsabilidade  
da revista.**

**A reprodução é permitida somente  
com autorização por escrito.**

# EDITORIAL

**Tema: Família — O Primeiro Lugar  
Onde o Mundo Começa**

**E**m tempos de pressa, telas iluminadas e relações cada vez mais mediadas por tecnologia, falar sobre família é um gesto de resistência. A família — seja ela pequena ou grande, tradicional ou reinventada, biológica ou construída pelo afeto — continua sendo o primeiro lugar onde o mundo aprende a acontecer.

É no lar que a palavra nasce.

É na convivência diária que a alma é moldada.

É no abraço dos nossos que encontramos força para seguir.

Hoje, porém, muitos desses valores estão se perdendo entre compromissos, rotinas exaustivas e um distanciamento silencioso que cresce dentro das próprias casas. Falamos com o mundo inteiro, mas esquecemos de conversar à mesa. Dividimos fotos, mas não dividimos tempo. Conectamo-nos por redes, mas nos desconectamos de quem está ao lado.

Por isso, dedicamos esta edição da Voz da Palavra à família — não como um ideal perfeito, mas como território sagrado onde aprendemos a amar, errar, pedir perdão, recomeçar. Lugar de paciência, de perdão, de risos inesperados e de histórias que se entrelaçam.

Relembrar a importância da família não é nostalgia: é compromisso com o que nos sustenta.

Que esta revista inspire diálogos, reconciliações, encontros e reencontros.

Que cada texto aqui acenda a chama do cuidado e do respeito.

Que possamos voltar o olhar para a casa, ouvir de novo nossas raízes e permitir que elas fortaleçam nossos passos.

Porque, no fim das contas, tudo passa.

Só o amor permanece.

E é na família que ele costuma nascer.

Revista Voz da Palavra

Onde cada página é um gesto de memória, afeto e esperança.

**Editores:  
Gilson Pónthes  
e Pedro Blum**

**Editores: Gilson Pónthes & Pedro Blum**

# SUMÁRIO

**Valores Inestimáveis 7**

---

**Aspectos de Saúde 8**

---

**O Tempo e a Família 9**

---

**Tuas Mãos 10**

---

**O Natal de Antes e o de Hoje 11**

---

**Família: O Amor Que Me Molda, o Lar que Me Sustenta 12/13**

---

**Nós 14**

---

**O Velho Chico 15**

---

**A Família Que Se Reinventa - Cordel 16**

---

**Mistérios da Trave Norte 17**

---

**A família de hoje - Um cordel dos tempos 18**

---

**Os Cowboys do mar de Bitupitá 19/20**

---

POR: PEDRO BLUM

# VALORES INESTIMÁVEIS

7

Família é chão antigo,  
herança que atravessa séculos,  
tesouro de afetos raros  
que o tempo nunca deveria corroer.

Mas hoje os filhos passam apressados,  
não tomam mais a bênção aos pais,  
nem seguem pelos caminhos sagrados  
do Culto ou da Missa de domingo.

O almoço familiar —  
mesa posta, risos quentes —  
virou apenas lembrança.  
O respeito, antes majestoso,  
dissolve-se na pressa dos dias.

E lá vão eles, sem notar,  
que atravessar a rua ao lado dos pais  
também é forma de amor;  
que um simples convite para o almoço  
é laço que sustenta gerações.

A família se perde na poeira moderna,  
onde só vale quem tem mais,  
e o sangue que corre na veia  
parece já não reconhecer seus próprios rios.

Ah, como seria belo  
voltar ao tempo em que o afeto  
não era platônico,  
nem prisioneiro de telas  
que simulam sentimentos.

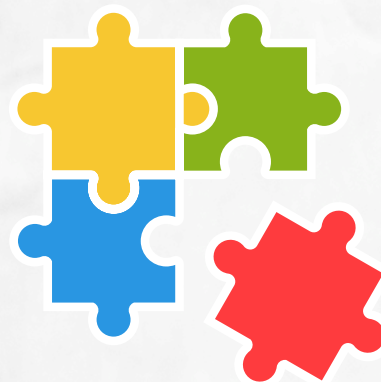
Porque nenhuma inteligência —  
por mais brilhante ou artificial —  
substitui a sabedoria  
de quem viveu, amou e aprendeu.

Que o nome dos justos permaneça,  
que a memória dos bons não se apague,  
e que, acima de tudo,  
o lar volte a ser porto,  
acolhimento  
e eternidade.



**Pedro Blum**

# ASPECTOS DE SAÚDE



**POR: PEDRO BLUM**

## **Interatismo — Síndrome de Down — Transtorno do Espectro Autista**

Nos tempos atuais, é comum testemunharmos o amor, o cuidado e a dedicação das famílias para com pessoas que apresentam essas condições, que não devem ser encaradas como doenças, mas sim como características humanas, formas diferentes de existir no mundo.

Ainda assim, infelizmente, há quem observe tais aspectos com preconceito, ignorância ou até hostilidade, tratando-os como se fossem enfermidades graves. Entretanto, médicos e especialistas são categóricos: nem a Síndrome de Down, nem o Transtorno do Espectro Autista são doenças. São condições que fazem parte da diversidade humana, e seus portadores — com raríssimas exceções clínicas específicas — estão plenamente aptos a conviver, aprender, trabalhar e participar da sociedade.

Reconhecer isso é um ato de compreensão e humanidade. É perceber que cada pessoa tem seu ritmo, sua beleza, sua forma própria de se comunicar com o mundo. É entender que inclusão não é apenas um direito, mas um gesto de amor e justiça.

Assim, tratá-los com respeito, acolhimento e igualdade não é apenas necessário — é urgente.

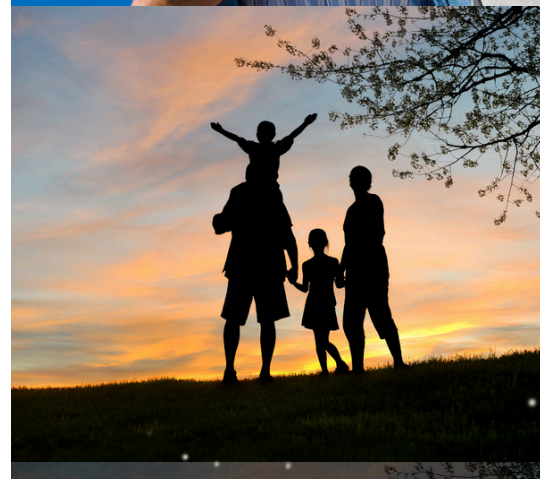
Amá-los, apoiá-los e valorizá-los é a forma mais verdadeira de construirmos uma sociedade mais justa, sensível e humana.

**Por: Pedro Blum**

Ao estabelecer uma comparação entre o tempo e a família, percebe-se uma diferença significativa na forma como esses elementos se relacionam com a sociedade ao longo das décadas. No campo educacional, é possível identificar, com precisão, mudanças que impactam diretamente o respeito, a convivência e a união familiar — aspectos que, com o passar dos anos, perderam a força que antes sustentava a estrutura doméstica.

Houve um período em que os laços familiares eram mantidos como um princípio quase sagrado. O respeito aos pais e aos mais velhos figurava como regra inviolável, compondo a base das tradições transmitidas entre gerações. A autoridade, a escuta e a presença dos mais velhos desempenhavam papel central na formação dos mais jovens.

Hoje, no entanto, observa-se que muitos desses valores se diluíram diante da velocidade das transformações sociais. O tempo, cada vez mais acelerado, impõe novas demandas e pressões, deixando para trás práticas que antes garantiam harmonia e coesão dentro do lar. Em meio à rotina marcada por urgências e desafios, a família se vê diante da necessidade de ressignificar seus vínculos para não perder de vista sua importância histórica e afetiva.



# **TUAS MÃOS**

**Vicente Alencar**

**Tuas mãos**

**Que se elevam para o alto contritas,  
em Oração,  
também afagam, acariciam, amam,  
como todo teu corpo.**

**Tuas mãos**

**que apertam as minhas  
no momento sublime do amor,  
São belas,  
São ternas,  
São suaves,  
E me envolvem  
Em ardente alegria.**



# O NATAL DE ANTES E O DE HOJE

11

**Por: Ana Lessa**



## UM ARTIGO DE OPINIÃO SOBRE A COMEMORAÇÃO NATALINA

Aparentemente, o Natal tem evoluído a cada ano. Antes, era comemorado com tradições religiosas vividas em família; agora, tornou-se uma data amplamente comercializada e consumista. O Natal é, essencialmente, a celebração do nascimento de Jesus Cristo. As famílias reuniam-se em jantares simples, trocavam presentes modestos e criativos, decoravam a casa com peças artesanais, participavam de missas e montavam presépios.

O Natal de hoje, no entanto, parece movido pelo comércio: exagero de presentes caríssimos, campanhas de marketing e uso intenso de tecnologias em uma ocasião que — ressalto novamente — deveria priorizar a união com as pessoas importantes. A celebração atual ostenta o “artificial”: lanches sofisticados e detalhistas, decorações feitas de plástico e árvores que são usadas apenas durante um mês para, logo depois, serem guardadas e acumularem poeira.

Em minha opinião, valorizar o “natural” seria uma bela alternativa. Por que não ter uma árvore verdadeira no quintal ou no jardim? Além de deixar o ambiente mais bonito e verde, é muito menos descartável.

No fim das contas, o Natal é sobre simplicidade, paz e união. Acredito que poucas pessoas ainda se lembram disso. Seria muito melhor se pudéssemos resgatar ao menos um pouco do que essa data já foi um dia.

# **Família: O Amor Que Me Molda, o Lar que Me Sustenta**

12

**Por: Nalanda Livia**

## **Família**

Uma palavra breve, mas que carrega dentro de si universos inteiros de memórias. No dicionário, ela cabe em poucas linhas; na vida real, transborda. É impossível reduzi-la a “parentes” ou “pessoas que vivem sob o mesmo teto”, porque família não se descreve — se sente. Quem vive o calor de um lar sabe: nenhuma definição conceitual é capaz de conter tanta vida, tanta entrega, tanta história — porque família não cabe em linhas, cabe em sentimentos.

É na família que damos nossos primeiros passos rumo ao mundo — e, inevitavelmente, os primeiros tombos. É ali que aprendemos o que significa confiar, cuidar, dividir e recomeçar. Família não é apenas quem nos acompanha; é quem nos molda. É a mão que guia, o abraço que acalma, a voz que orienta, o olhar que nos devolve força quando achamos que não temos mais nenhuma. É onde o amor aprende a ter forma, e a vida, sentido.

Não existe família perfeita, e isso não é um defeito: é humanidade. O que torna um lar admirável não é a ausência de erros, mas a presença de amor, paciência e perdão. Em tempos em que tantos se preocupam em exibir felicidade em vez de construí-la, as famílias verdadeiras se reconhecem pelo esforço diário de compreender, insistir, acolher e recomeçar. São casas que não brilham por aparência, mas por afeto.

Vivemos em um país feito de múltiplas histórias, e isso inclui famílias que nasceram do afeto, da coragem e, muitas vezes, da resistência. Há quem cresça sem colo, sem guia, sem abraço, buscando no mundo aquilo que não encontrou em casa — e, ainda assim, constrói para si um lar no caminho. E essas trajetórias também merecem respeito — porque família não é apenas um ponto de partida, mas também algo que podemos reconstruir ao longo da vida. Às vezes, família é quem chega. Às vezes, família é quem fica. Às vezes, família é quem escolhemos ser — e isso também é amor.

Eu, porém, sou profundamente grata a Deus pela família que recebi. Minha família é minha base, meu porto seguro e a razão da minha vontade diária de vencer. Tudo o que sonho não é apenas por mim: é por nós. Porque alcançar meus objetivos significa realizar o meu maior desejo — retribuir, com dignidade e amor, cada sacrifício silencioso, cada gesto de cuidado, cada oração que fizeram por mim. Minha vitória nunca será individual; ela sempre será compartilhada com quem me ensinou a sonhar e a conquistá-la.





E deixo aqui minha dedicatória:

àqueles que são meu começo, meu abrigo e meu destino.

Que este texto seja um abraço que o tempo nunca desfça; que cada palavra seja a prova viva de que tudo o que sou nasce, floresce e retorna ao amor que recebo.

Porque, no fim, família é o lugar para onde voltamos quando o mundo fica grande demais — e onde sempre cabemos inteiro.

Vicente Alencar

Há amor Há alegria  
Há vida Entre nós.  
Amamos, Sentimos,  
Vivemos intensos  
momentos. E nos   
deliciamos!   
Somos   
felizes! 





# O Velho Chico

**Isabel Barros**

Olha seu moço, eu lhe mostro  
Um rio em extensão.  
Eu falo do São Francisco  
Que passa no meu sertão.  
Lá na Serra da Canastra  
Onde esse rio nasceu,  
Atravessando vários estados  
Riquezas lá ele deu  
E o homem por natureza  
Dele se valeu.  
Da força que o homem tem  
E de sua inteligência divina

Criaram-se no Rio São Francisco  
Várias usinas.  
A Hidrelétrica de Paulo Afonso que  
Tantas cidades ilumina...  
E o homem se delicia da natureza...  
Criaram-se outras usinas...  
A Hidrelétrica das Três Marias  
Que também cidade ilumina.  
Sem falar nos verdes campos  
Que as águas predominam.  
E o homem por natureza divina,  
Criou em Alagoas a Usina  
Moxotó, sem falar em Itaipu  
E em Sobradinho na Bahia.



## **A Família Que Se Reinventa - Cordel**

**Por: Gilson Pónthes**

No tempo das correrias,  
Da pressa que nunca cansa,  
A família ainda é o porto  
Que guarda a fé e a esperança.  
Mesmo com tanta mudança,  
Com celular na mão inteira,  
É no abraço apertado  
Que a vida fica verdadeira.

Tem casa que é silenciosa,  
Tem casa que é barulhenta,  
Tem pai virando amigo  
E mãe que tudo aguenta.  
Mas quando falta conversa,  
O amor logo se ausenta,  
Pois família sem diálogo  
É raiz que não sustenta.

Os filhos vão aprendendo  
Na tela e no coração,  
Mas nada é tão importante  
Quanto a força da união.  
Família não é perfeita,  
É mistura e é confusão,  
Mas quando se aperta a mão,  
Se cura qualquer aflição.

E no mundo que se moderniza,  
Correndo sem direção,  
A família que se reinventa  
Sempre encontra a solução.  
Pois a base continua a mesma:  
Carinho, respeito e perdão.  
E onde mora o verdadeiro afeto,  
Mora também a tradição

# Mistérios da Trave Norte

(por Bernivaldo Carneiro)

Em 1º de maio de 2025, eu seguia viagem quando o telefone vibrou com a solenidade das notícias que não solicitam licença. Era minha mulher avisando que Lua havia migrado do quarto minguante para o outro lado deste mundo e os familiares de sua enteada desejavam sepultá-la em nossa chácara. Consenti, recomendando apenas que (por meio de minha filha, doutora de humanos, mas com sensibilidade fina também por bichos) levasse meus sentimentos à família enlutada e, com o nosso caseiro, o ilustre o Dr. Chico, escolhessem um recanto digno para o descanso da finada.

Ao retornar, antes mesmo de abrir a mala, eu fui com o Dr. Chico — ele muito orgulhoso de sua obra eterna — ao túmulo de Lua. Ficava entre o muro e o poste esquerdo da trave norte, onde a bochecha da rede tocava a terra e os goleiros cansaram de recolher bolas que meu pé artilheiro depositara ali.



A tarde, vestida com um tom cinza contemplativo e voz baixa, parecia ensinar impermanência, enquanto a nossa chegada coincidiu com o levante dos tetéus (Quero-Quero) e o pouso de um bando de Alma-de-Gato. Anu-branco, para quem aboliu a poesia do vocabulário. E, pousando estrategicamente no muro, travessão e fruteiras, logo assumiram pose de coral convocado para homenagem fúnebre. Ato contínuo vieram os insólitos miados soprados por soprano, contralto, tenor — uma partitura tão improvável que até o Buda exigiria bis. Uma melodia que parecia subir do chão, como se Lua ainda arranhasse o mundo por dentro, lembrando que entre partir e permanecer há sempre um último gesto.

E assim, entre o eco dos meus gols e o coro felino das Almas-de-gato, ficou claro que alguns animais não falecem — apenas mudam de palco. Lua seguia ali, sob a bochecha da rede, no coração da chácara e na sinfonia dos pássaros. Um epitáfio vivo, ditado pela própria natureza:

“AQUI JAZ LUA: SAPECA ATÉ NO ALÉM.”

# **A FAMÍLIA DE HOJE - UM CORDEL DOS TEMPOS**

18

**Por: Gilson Pónthes**

No terreiro dessa vida,  
entre pressa e confusão,  
a família vai seguindo  
com amor no coração.  
Mesmo cheia de desafios,  
não dispensa a união.

Hoje a casa é diferente,  
cada qual num celular,  
mas quando o afeto chama,  
todo mundo sabe escutar.  
Porque carinho verdadeiro  
não deixa de iluminar.

Tem mãe firme, tem pai brando,  
tem criança perguntadeira,  
tem avó cheia de histórias  
e um avô lá na cadeira.  
Cada qual com seu jeito,  
sua força e brincadeira.

Às vezes há desentendimentos,  
magoazinhas de momento,  
mas o amor faz acalmar  
qualquer dor ou sofrimento.  
Pois família que dialoga  
vence até o mau tempo.

Tem famílias que são grandes,  
outras são de parzinho só,  
tem família de amigos,  
tem família sem nenhum nó.  
O importante é ter respeito  
pra ninguém ficar menor.

A família de hoje luta  
contra a falta de atenção,  
mas descobre que um abraço  
ainda cura solidão.  
Que mesa posta com afeto  
é milagre em qualquer chão.

E assim segue a família,  
construindo o seu lugar,  
plantando sempre esperança  
pra colheita melhorar.  
Pois quem ama de verdade  
faz o mundo aconchegar.





## Os Cowboys do mar de Bitupitá

Um curral de peixe começa com eles: Vaqueiros e Mata-Vaqueiros. Quem os observa de longe martelando o mar, não acredita que aquilo esteja acontecendo. Uma cena tão surreal que nos remete às lendas do herói da mitologia, Hércules.

Dois Vaqueiros se revezam para martelar a madeira com enormes porretes feitos de troncos de árvores, sobre bancos gigantesco (do tamanho da profundidade do curral) fincados no fundo do mar, em que a espora principal é a perna do Mata-Vaqueiros, uma tarefa arriscada, árdua e demorada, que se repete a cada novo mourão cravado na areia. Inicia-se de manhã cedo até o pôr do sol. Essa atividade se entende por vários dias. A quantidade de mourões obedece ao tamanho do curral.

Antigamente, a rotina marítima de despesca de curral de peixe, em Bitupitá, era muito diferente da realizada atualmente. Hoje, não ultrapassa às 19h. Na época de meu pai, Seu Pimpim, não existia limite de horário para despesca o curral. Os encarregados pelo trabalho o faziam de acordo com a vazante da maré. Lembro-me como se fosse hoje: três horas da madrugada, e o papai no melhor sono, em sua redinha de varanda... quando, de repente, chegava

alguém batendo na porta chamando por ele. O “baticum” era conhecido. Três batidas acompanhadas sempre do mesmo grito: - toc, toc, toc! – Seu Pimpim! – Seu Pimpim! – Acooorda! - Tá na hora da maréééé! Era o mata-vaqueiros encarregado pelo mestre do curral de efetuar essa tarefa. Muitos exageravam no grito de propósito. Ele saía, de casa em casa, repetindo a ação, motivo pelo qual alcunha de mata-vaqueiros.

Já pensou você acordar de madrugada, debaixo de um lençol bem quentinho, com um grito desse?! É “mê qui matar”, num é não?

Não importava se o tempo era bom ou ruim, se ventava ou se chovia... Os vaqueiros tinham que ir para o mar. Era costume, na época, despescar o curral a cada doze horas em obediência à vazante da maré. Em noites escuras de chuva, sem a orientação das estrelas, de faróis ou de equipamentos de navegação, eles saíam em canoas, muitas vezes pequenas, enfrentando o desconhecido: navegavam sobre ondas bravias, com cinco, seis... dez metros de altura, que se elevavam à frente como rochedos, formando um abismo irregular de água, além de ficarem expostos aos perigos de ataques de tubarões, baleias e outros peixes ferozes que habitam as profundezas do mar de Bitupitá.

Tela - (80 x 70), óleo sobre tela. Dois Vaqueiros segurando seus "Maiois", martelos de troncos de árvores, e o Mata-Vaqueiros escorando o mourão, estaca, com a perna. É proibido errar. Você tem essa coragem?

Em exposição, Consulado Brasileiro, Genebra, Suíça.

Artista Plástico - Osdêmi do Pimpim.

**Manoel Osdemi**  
Nasceu em Bitupitá, Barroquinha,  
Ceará. Ator, compositor, escritor  
e artista plástico. Ganhador de  
diversos concursos literários,  
nacionais e internacionais.

